

9

Publish (in English) or Perish? Dinâmicas linguísticas nas áreas softer

Simone Sarmento

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Laura Knijnik Baumvol

UNIVERSITY OF BRITISH COLUMBIA, CANADA

Lucas Marengo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL

Resumo / Abstract

Estudos preliminares sobre as práticas linguísticas de publicação de pesquisadores brasileiros apontam para importantes diferenças entre as disciplinas, sobretudo no que diz respeito ao uso do português e do inglês. Tais estudos revelaram um claro contraste entre o uso mais frequente do inglês por pesquisadores das ciências consideradas “harder” e a preferência pelo português entre aqueles das ciências tidas como “softer.” Uma análise mais detalhada desses estudos mostra que os pesquisadores das áreas de Linguística, Letras e Artes (LLA), assim como das Ciências Humanas (CH), também fazem uso de outras línguas para publicação, evidenciando maior diversidade linguística. O presente estudo, de base quantitativa, busca verificar o ecossistema linguístico das áreas de LLA e CH para fins de publicação. Para tanto, foram analisados os currículos cadastrados na Plataforma Lattes (2024) de 15% dos pesquisadores com bolsas de pesquisa do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) nessas duas grandes áreas, totalizando 117 pesquisadores de LLA e 410 de CH, com o objetivo de identificar as línguas e os gêneros textuais preferidos por cada área. Os resultados apontam uma notória preferência pelo português, seguido pelo inglês, em menor escala o espanhol, mas também com a presença de outras línguas, como francês, italiano e alemão.

Past studies on the linguistic practices of Brazilian researchers’ publications point to significant disciplinary differences,

especially regarding the use of Portuguese and English. These studies have revealed a clear contrast between the more frequent use of English by researchers in the so-called “harder” sciences and the preference for Portuguese among those in the “softer” sciences. A closer look at these studies shows that researchers in the fields of linguistics, literature and arts (LLA), as well as the humanities (CH), also use other languages for publication, indicating greater linguistic diversity. The present study, based on quantitative data, seeks to map the linguistic ecosystem of the LLA and CH fields for academic publishing purposes. To this end, the curricula registered on the Lattes Platform of 15% of CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) research grant holders in these two broad areas were analyzed, comprising 117 researchers from LLA and 410 from CH, to identify the languages and textual genres preferred in each area. The results point to a clear preference for Portuguese, followed by English, and, to a lesser extent, Spanish, as well as the presence of other languages, such as French, Italian, and German.

Palavras-chave / Keywords: ecossistema linguístico; internacionalização da pesquisa; ERPP; diversidade linguística / linguistic ecosystem; internationalization; ERPP; linguistic diversity

As publicações desempenham papel importante na vida acadêmica, servindo como pilares essenciais na edificação do conhecimento e como indicadores da competência profissional de pesquisadores (Hyland, 2015). Além disso, são ferramentas para a troca de ideias e a divulgação de resultados de pesquisa, com o objetivo de promover o desenvolvimento científico e contribuir para o avanço da sociedade. Entre os gêneros textuais mais utilizados para publicação, destacam-se os artigos, livros, anais de conferências, teses e dissertações.

A disseminação do conhecimento científico depende da adoção de uma (ou mais) língua que permita a compreensão mútua e a participação de pesquisadores de diferentes regiões do mundo (Hanauer & Englander, 2011). Atualmente, não há dúvida de que o inglês é a língua mais frequentemente utilizada na comunicação científica em publicações, eventos acadêmicos, bem como para colaborações de pesquisa e comunicação em laboratórios e redes (Montgomery, 2013). Ammon (2006) destaca que publicações em inglês são amplamente lidas e citadas, enquanto publicações em outras línguas não conseguem atingir a arena global com a mesma amplitude. Entretanto, estudos recentes realizados sobre as línguas utilizadas em publicações acadêmicas no

cenários brasileiro (Baumvol et al., 2021; Finardi & França, 2016; Garcez, 2019; Monteiro & Hirano, 2020) mostram um cenário bastante diverso, levando-se em conta as diferentes áreas de conhecimento. Por um lado, observa-se uma clara preferência pelo inglês entre os pesquisadores das ciências “harder,” por outro, há uma inclinação para o uso do português entre aqueles das ciências humanas, que também parecem utilizar outras línguas para disseminar suas pesquisas.

Nas palavras de Storer (1967), podemos classificar as áreas de conhecimento em um continuum entre mais duras (“harder”) e menos duras (“softer”) tendo em vista o grau de exatidão e objetividade, além da natureza de seus objetos de estudo e aspectos metodológicos (Pigliucci, 2009). Neste estudo, busca-se conhecer o ecossistema das publicações e das línguas (Couto, 2015) utilizadas para publicação nas áreas de Linguística, Letras e Artes (LLA) e Ciências Humanas (CH). Para tanto, foram analisados 15% dos currículos cadastrados na Plataforma Lattes (2024) de todos os acadêmicos com bolsas de produtividade em pesquisa (PQs) dessas duas grandes áreas. Na próxima seção explicaremos como funciona o sistema de pesquisa e pós-graduação no Brasil de forma a melhor situar este estudo.

A Pesquisa e a Pós-graduação no Brasil

No Brasil, atualmente existem 2.595 instituições de ensino superior (IES) (INEP, 2023). Dessas, 205 são consideradas universidades, ou seja, IES que ofertam cursos em diversas áreas e que possuem programas de pós-graduação *stricto sensu* (PPGs). Entre as universidades, 115 são públicas, sendo essas a principal fonte de publicações de pesquisa no Brasil, especialmente através dos PPGs.

Há duas principais agências de fomento e regulação da educação superior no Brasil: a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Essas agências classificam as áreas do conhecimento com o objetivo de oferecer às IES uma estrutura para organizar e fornecer informações sobre projetos de pesquisa e recursos humanos aos órgãos responsáveis pela gestão da ciência e tecnologia. As grandes áreas são: ciências exatas e da terra, ciências biológicas, engenharias, ciências da saúde e ciências agrárias (essas cinco consideradas *harder*); e ciências sociais aplicadas, ciências humanas, linguística, letras e artes (consideradas *softer*). Conforme já mencionado, este estudo foca nas áreas de LLA e CH. LLA engloba subáreas como teoria e análise linguística, literatura, música, artes plásticas, dança, teatro, cinema e fotografia. Já a grande área de CH abrange disciplinas como

filosofia, sociologia, antropologia, arqueologia, história, geografia, psicologia, educação, ciência política e teologia. Cabe ressaltar, como já apontado por Garcez (2019), que essas divisões revelam certa idiossincrasia do sistema brasileiro, pois, em particular, os estudos da linguagem frequentemente recorrem a fontes e métodos das Ciências Sociais, incluídas nas CH, o que mostra a fluidez e os cruzamentos entre áreas que nem sempre são captados por essas classificações.

Uma das atribuições da CAPES é a avaliação quadrienal dos PPGs. Os objetivos de tal avaliação são certificar a qualidade da pós-graduação Brasileira, cujo resultado influencia diretamente a distribuição de bolsas e recursos para o fomento à pesquisa; e também identificar as disparidades regionais e áreas estratégicas do conhecimento, a fim de guiar iniciativas de estímulo na criação e ampliação de PPGs em todo o território nacional. Os processos de avaliação valem-se de indicadores quantitativos e qualitativos que buscam trazer objetividade—números verificáveis e critérios bem-definidos. Cada PPG recebe uma nota que varia entre 1 (mais baixa) e 7 (mais alta). A nota 5 significa que o programa é muito bom e os conceitos 6 e 7 atestam a excelência de um PPG em nível internacional. Um dos critérios de avaliação refere-se aos periódicos nos quais pesquisadores vinculados aos PPGs publicam seus artigos. Para tanto, foi criada a lista Qualis, que é um ranking de classificação das revistas indexadas, cujo ordenamento é feito com base na aferição de sua qualidade. O ranking classifica os periódicos científicos nos seguintes estratos, do mais elevado ao mais baixo: A1, A2, A3, A4, B1, B2, B3, B4 e C. Artigos publicados em veículos que não constam da lista, ou em revistas do grupo C, são desconsiderados para fins de avaliação. É importante observar que o sistema Qualis está passando por modificações, com uma nova metodologia prevista para ser implementada a partir de 2025. Apenas para fins de ilustração, a área de linguística e letras teve 3.386 periódicos listados na última avaliação (2017 a 2020), com 374 avaliados como A1 (Qualis, 2020), sendo a maioria periódicos nacionais com publicações em língua portuguesa. A situação é semelhante na área de CH, ou seja, há um expressivo número de periódicos nacionais que aceitam artigos em português nessas duas áreas do conhecimento. Esses periódicos, em geral de acesso aberto (open access), pertencem majoritariamente a PPGs e são geridos pelos próprios professores, sem qualquer remuneração para essa atividade (Garcez, 2019).

O CNPq, entre suas diversas atribuições, gerencia a Plataforma Lattes (2024), criada para integrar em um único sistema as bases de dados curriculares acadêmicos dos pesquisadores. O Currículo Lattes oferece um registro detalhado das atividades científicas, acadêmicas e profissionais dos pesquisadores cadastrados, apresentando informações públicas individuais, tais como

identificação (nome completo e nome para citação bibliográfica), endereço profissional, proficiência autodeclarada em línguas adicionais, formação educacional, áreas de conhecimento, produções bibliográficas, técnicas e artísticas, projetos de pesquisa, participação em eventos acadêmicos, orientações e atuação em comitês. Segundo dados oficiais do CNPq, em março de 2024, aproximadamente 354.068 doutores estavam registrados na plataforma (CNPq, 2024).

Além disso, o CNPq também é responsável pela concessão de bolsas de produtividade em pesquisa (PQ), que têm o propósito de reconhecer pesquisadores com destacada produção científica, tecnológica e de inovação em suas respectivas áreas de atuação, fomentando o crescimento da produção acadêmica de alta qualidade (CNPq, 2023). A solicitação dessas bolsas é feita pelos próprios pesquisadores por meio de chamadas públicas. Até recentemente, existiam cinco níveis de bolsas, classificados de forma decrescente como 1A, 1B, 1C, 1D e 2; atualmente, essa classificação foi alterada para um sistema com três níveis: A, B e C. Os dados utilizados neste estudo, no entanto, ainda se referem à estrutura anterior. A concessão da bolsa é determinada mediante uma análise comparativa da produção científica do pesquisador e de sua contribuição para a formação de recursos humanos. Ademais, cada área de conhecimento possui critérios específicos para a concessão das bolsas, como exemplificado na área da linguística, onde se inclui a “publicação de livros e/ou capítulos de livros, e artigos em periódicos com corpo editorial, no Brasil e no exterior” (CNPq, 2023, p. 225).

Línguas para Fins de Pesquisa e Publicação

O campo de estudos sobre escrita acadêmica para publicação reúne contribuições de áreas como linguística aplicada, retórica, sociologia do conhecimento, análise crítica do discurso e bibliometria, e abrange diferentes abordagens reunidas sob o termo Inglês para Fins Acadêmicos (English for Academic Purposes, EAP). Dentro desse contexto, consolidou-se mais recentemente a vertente conhecida como Inglês para Pesquisa e Publicação (English for Research Publication Purposes, ERPP), inicialmente mencionada por Cargill e Burgess (2008), que descreve pesquisas voltadas a perspectivas, políticas e práticas pedagógicas relacionadas à escrita acadêmica para publicação em inglês (Corcoran et al., 2019). O ERPP emprega metodologias qualitativas e quantitativas, como bibliometria, entrevistas, análise de gêneros acadêmicos e dados de workshops e programas de desenvolvimento docente (Cross et al., 2017; Hamel, 2007; Perez-Llantada et al., 2011, entre outros). Pesquisas nessa vertente investigam temas como as línguas escolhidas para publicação acadêmica, as percepções e desafios enfrentados por cientistas cuja primeira língua

não é o inglês e as formas de apoiar o desenvolvimento linguístico de pesquisadores de distintas áreas do conhecimento (Corcoran, 2015; Flowerdew, 2013; Hyland, 2015; López-Navarro et al., 2015).

Nesse contexto, é relevante situar também como o EAP e o ERPP se distinguem, de modo geral, em termos de foco e público-alvo. Historicamente, grande parte do EAP, especialmente em contextos de países de língua inglesa ou com forte tradição de inglês como meio de instrução, se concentra na escrita acadêmica de estudantes de graduação (Kostka & Olmstead-Wang, 2014). Já o ERPP direciona esse olhar para pesquisadores e autores acadêmicos que buscam publicar seus trabalhos em nível internacional. No Brasil, essa ênfase é ainda mais marcada, já que a maior parte das iniciativas e estudos nessa área se volta para pós-graduandos e pesquisadores já consolidados em suas áreas de atuação, como é o caso deste trabalho, que se concentra em profissionais experientes e reconhecidos. Por essa razão, consideramos adequado nos filiar ao campo do ERPP. Entende-se que um ecossistema pressupõe diversidade e que, quanto mais diverso for, mais sólido se torna (Couto, 2015).

É importante destacar, no entanto, que o próprio termo ERPP é uma nomenclatura recente, mas que pode ser considerada problemática, pois tende a reduzir dimensões críticas mais amplas do campo e reforça simbolicamente o inglês como o principal meio semiótico de publicação acadêmica. Assim, neste trabalho, mantemos o uso do termo ERPP como referência, mas adotamos uma perspectiva que busca problematizar seu caráter excludente e ampliar o foco para práticas plurilíngues.

Estudos Preliminares no Brasil

No Brasil, a área de ERPP ainda é incipiente, com poucos estudos sobre o tema. Baumvol et al. (2021) examinaram as práticas de publicação de pesquisadores brasileiros que possuem bolsas PQ em todas as áreas de conhecimento categorizadas pelo CNPq. A partir de um corpus de aproximadamente 2.000 currículos, as autoras compararam o uso do português e do inglês, bem como a quantidade e os tipos de publicações desses pesquisadores durante um período de três anos (2014 a 2016). Os resultados revelaram uma clara preferência pelo inglês entre pesquisadores das áreas consideradas “harder,” enquanto o português foi mais utilizado por pesquisadores das “softer sciences.” Além disso, constatou-se uma correlação direta entre o número de publicações e o uso da língua inglesa: áreas com uma média elevada de publicações tendiam a usar o inglês com mais frequência, ao passo que aquelas que priorizavam o português registravam uma média inferior de publicações.

Monteiro e Hirano (2020) investigaram a crescente presença de pesquisadores brasileiros na publicação acadêmica em periódicos internacionais. O estudo incluiu 290 pesquisadores de diferentes áreas de pesquisa e a análise dos dados revelou diferenças disciplinares importantes, sugerindo a existência de um grupo periférico de pesquisadores dentro de um país que por si já é parte de uma região linguística semiperiférica. Os pesquisadores das áreas “harder” relataram que publicam muito mais em inglês do que em português, e poucos mencionaram problemas relacionados à língua. Já os pesquisadores das áreas “softer,” os quais publicam em periódicos internacionais em considerável menor escala, relataram desafios principalmente em relação à proficiência na língua de publicação. Os resultados sugerem que a publicação internacional se tornou parte da cultura disciplinar no Brasil a áreas de conhecimento “harder,” enquanto nas áreas «softer» ocupam uma posição periférica, sobretudo em disciplinas como educação, linguística e literatura.

A pesquisa conduzida por Finardi e França (2016) examinou o impacto do uso do inglês na internacionalização da produção acadêmica brasileira, particularmente nas áreas de artes e humanidades, com ênfase em e linguística, por meio de periódicos indexados na base de dados Scopus. O estudo revelou uma escassez de contribuições científicas em inglês, resultando em uma baixa taxa de citações internacionais (Finardi & França, 2016). Os autores enfatizam a necessidade de revisão das estratégias de divulgação da produção acadêmica nacional em linguística para fomentar a internacionalização do conhecimento e promover o intercâmbio científico, aspectos considerados importantes para o avanço da ciência brasileira.

Garcez (2019) investigou a cultura de pesquisa em linguística aplicada no Brasil, motivado por questionamentos de colegas estrangeiros sobre a limitada circulação internacional das produções de linguistas aplicados brasileiros. Em sua análise dos currículos Lattes de 37 linguistas aplicados de nível PQI, entre 2007 e 2017, o autor identificou 706 capítulos de livros. Destes, 148 foram publicados fora do Brasil, sendo 146 em línguas diferentes do português, incluindo 119 em inglês. No que diz respeito a livros completos, foram 313 no mesmo período, com apenas 54 em outras línguas, dos quais 49 em inglês e 24 no exterior. Além disso, os linguistas aplicados publicaram 657 artigos, sendo 98 em línguas adicionais, 91 em inglês e 81 em periódicos estrangeiros. Apenas 18 artigos foram publicados em periódicos de alto impacto, resultando em uma média anual de 0,04 artigos por pesquisador, uma taxa considerada baixa. Esses dados revelam que a produção dos linguistas aplicados de nível PQI é majoritariamente publicada no Brasil e escrita em português, limitando o diálogo ao contexto acadêmico nacional. Conforme Garcez (2019), não surpreende que nossa produção, apesar de relevante, tenha tão pouca visibilidade fora do Brasil.

Complementando esses estudos, Komesu e Assis (2023) analisaram a cultura disciplinar de citação em artigos científicos da subárea de linguística publicados em periódicos brasileiros e franceses classificados como A1 no Qualis. Os resultados revelaram que, mesmo em revistas de alto impacto, a média de citações dos artigos brasileiros é significativamente menor que a dos artigos franceses, indicando uma visibilidade mais restrita. Além disso, os autores observaram que a produção brasileira, ainda que relevante em termos de originalidade e temas, permanece majoritariamente em português, o que reduz seu alcance internacional e dificulta a circulação em bases bibliométricas dominadas pelo inglês. O estudo destaca a necessidade de relativizar o uso de métricas quantitativas para avaliar a produção em humanidades e aponta para a urgência de estratégias que ampliem a circulação internacional sem desconsiderar as especificidades linguísticas e culturais locais.

Com base nos estudos discutidos nesta seção, observa-se que, embora haja pesquisas que abordem aspectos das práticas linguísticas de publicação na linguística e em áreas das ciências humanas, ainda falta um mapeamento mais aprofundado que revele a amplitude e a diversidade de línguas e gêneros utilizados por pesquisadores dessas áreas no Brasil. Essa lacuna é especialmente relevante quando se considera que as “harder sciences” tendem a concentrar suas publicações quase exclusivamente em inglês, ao passo que LLA e CH mantêm práticas mais plurilíngues, ainda pouco exploradas em estudos de base quantitativa. Assim, investigar de forma sistemática esse ecossistema linguístico (Couto, 2015) pode contribuir para ampliar o entendimento sobre a circulação do conhecimento científico produzido no país e suas relações com a internacionalização, a visibilidade e a preservação da diversidade linguística.

Metodologia

A Plataforma Lattes conta com um total de 106.316 currículos na área de ciências humanas (CH) e 36.412 currículos na área de LLA. Entre esses pesquisadores, 2.737 são bolsistas de produtividade na área de CH e 787 na área de LLA. A coleta de dados foi realizada selecionando apenas 15% dos currículos de PQs em ambas as áreas e em todos os níveis: 1A, 1B, 1C, 1D e 2. Dessa forma, foram selecionados 410 currículos na área de CH e 117 na área de LLA.

Os currículos foram baixados em formato XML, a fim de que pudessem ser importados e processados no software Coletaprod (Murakami, 2020) que proporciona a extração e navegação de registros presentes nos currículos Lattes. Cada participante teve os números totais de produção de artigos, livros e capítulos de livros computados nas planilhas.

As planilhas, subdivididas nas duas áreas—LLA e CH—também continham separações por línguas analisadas: português, inglês, espanhol, francês, italiano e alemão. Foi criada uma coluna específica para cada uma dessas línguas, assim como colunas para cada gênero textual, ou seja, livros, capítulos e artigos.

Análise dos dados

Como ilustrado na tabela, a análise dos totais de publicações nas duas áreas estudadas revela que a média geral de publicações por pesquisador, considerando toda a trajetória acadêmica conforme os dados autodeclarados na Plataforma Lattes (2024), é semelhante entre as áreas de CH e LLA. Especificamente, os pesquisadores em CH têm uma média de 95,93 publicações, enquanto os pesquisadores em LLA apresentam uma média de 96,07 publicações.

Tabela 9.1. Média de Publicação por Pesquisador nas Áreas de Ciências Humanas e Linguística Letras e Artes

	CH	LLA
Média livros	11,69	13,84
Média livros inglês	0,53	0,40
Média livros português	10,43	12,72
Média livros espanhol	0,46	0,42
Média livros outras línguas	0,25	0,29
Média capítulos	33,05	34,36
Média capítulos inglês	2,65	1,78
Média capítulos português	27,67	30,48
Média capítulos espanhol	1,61	0,94
Média capítulos outras línguas	1,11	1,15
Média artigos	51,19	47,87
Média artigos inglês	9,31	3,01
Média artigos português	38,96	41,80
Média de capítulos espanhol	1,74	1,31
Média artigos outras línguas	1,16	1,73
Média total de publicações	95,93	96,07

Ao analisar os diferentes tipos de publicações, também não há diferenças significativas entre as áreas. Considerando os livros, os pesquisadores em CH publicam em média 11,69 obras, enquanto na área de LLA essa média é de 13,84. Para capítulos de livros, cada pesquisador em CH acumula cerca de 33,05 capítulos, número ligeiramente inferior ao de LLA, que apresenta uma média de 34,36. No caso dos artigos científicos, a média é de 51,29 por pesquisador em CH e 47,87 em LLA. Essas variações são relativamente pequenas e não apontam para uma discrepância substancial entre as duas áreas quanto à produção acadêmica.

Quando se observam os formatos de publicação mais utilizados para disseminar o conhecimento, a Tabela 9.1 mostra que, em LLA e CH, os artigos científicos são claramente predominantes. Essa preferência reflete a relevância da publicação periódica e da comunicação de resultados em tempo hábil. Em ambas as áreas, o destaque para artigos sugere um compromisso com a rápida circulação de novas descobertas e avanços. Em seguida, aparecem os capítulos de livros, valorizados por aprofundar tópicos específicos e oferecer análises detalhadas em contextos mais amplos. Essa modalidade costuma possibilitar uma abordagem mais extensiva e colaborativa, reunindo diferentes perspectivas e campos de especialização. Por fim, vêm os livros completos, que, embora ocupem a terceira posição, têm papel fundamental na compilação de pesquisas de fôlego e na oferta de uma visão abrangente sobre temas específicos. A publicação de livros viabiliza a divulgação de estudos mais aprofundados e detalhados, servindo como referência essencial para estudiosos e profissionais da área.

Com relação a opção por línguas, assim como demonstrado em estudos anteriores (Baumvol et al., 2021; Monteiro & Hirano, 2020), há uma predominância do uso do português em ambas as áreas. Para melhor ilustrar o comportamento linguístico nas outras línguas, para além do português, do espanhol e do inglês, apresentamos do gráfico abaixo.

LLA, representada pela barra azul, apresenta uma taxa de publicação de 88,8% em português, enquanto CH, representada pela barra laranja, publica 80,4% nessa língua. A área de CH se destaca com uma proporção significativamente maior em inglês. A diferença entre as áreas é de 7,7%, conforme evidenciado pela segunda barra azul no gráfico. LLA contribui com apenas 5,4% do total de suas publicações em inglês, enquanto CH alcança uma proporção de 13,1% de publicações em inglês.

Considerando o espanhol, terceira língua mais comum, observa-se um padrão semelhante nas duas áreas: 3,9% das publicações em CH e 2,8% em LLA, padrão que se mantém nos três gêneros analisados. Em seguida vem o francês, com 1,7% em LLA, enquanto o italiano e o alemão representam menos de 1% cada.

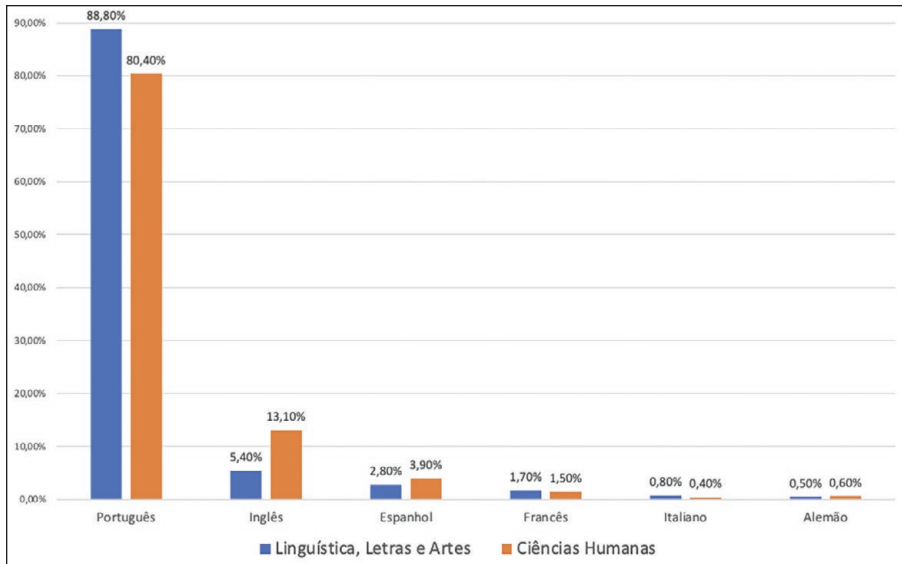


Figura 9.1. Preferência por língua da disseminação do conhecimento.

Para essas línguas adicionais, as diferenças entre as áreas são mínimas: CH tem 1,1% a mais em espanhol; no francês, LLA lidera por 0,2%; no italiano, LLA registra 0,8% contra 0,4% em CH; e no alemão, CH soma 0,6% e LLA, 0,5%.

Como já mencionado, nas duas áreas consideradas *softer* confirmam-se as tendências esperadas: padrões de produção e disseminação do conhecimento semelhantes, com predominância de publicações em português, menor participação do inglês e percentuais baixos e próximos para outras línguas. O destaque para o português evidencia a relevância do contexto local e regional, garantindo que o conhecimento seja acessível à comunidade acadêmica e ao público brasileiro. Ainda assim, CH apresenta leve vantagem em espanhol e inglês, sugerindo maior diversidade linguística e esforço de diálogo com outras comunidades acadêmicas, alinhando-se aos resultados de Baumvol et al. (2021) sobre uma tendência mais acentuada de internacionalização nessa área.

A análise também revela que, embora as publicações em línguas como espanhol, francês, alemão e italiano sejam menos frequentes, elas ainda desempenham um papel importante na disseminação do conhecimento, revelando uma ecologia linguística mais rica (Couto, 2015) quando comparado a estudos que se debruçam sobre outras áreas. A presença dessas línguas indica um esforço contínuo para diversificar e ampliar o acesso ao conhecimento científico, permitindo interações mais ricas e variadas com diferentes comunidades acadêmicas e culturais. Além disso, a maior diversidade linguística

em CH pode estar associada à natureza interdisciplinar dessa área, que frequentemente envolve colaborações internacionais e um público mais amplo. Em comparação, LLA pode estar mais focada em contextos locais e regionais, refletindo uma abordagem mais específica e contextualizada para a disseminação do conhecimento.

Discussão

Quanto aos gêneros utilizados para publicação acadêmica, os resultados apontam uma clara preferência por artigos, seguidos por capítulos e, por último, livros completos. Esses achados corroboram estudos anteriores (Baumvol et al., 2021; Garcez, 2019), que indicam os artigos como forma predominante de disseminação do conhecimento. Publicar um artigo, um capítulo ou um livro envolve diferenças importantes: a redação de um artigo costuma exigir menos tempo que a de um livro, cujo volume de texto pode chegar a dezenas ou centenas de milhares de palavras, além de demandar um processo editorial mais longo. Em contrapartida, artigos geralmente passam por revisão por pares mais rigorosa, o que contribui para a qualidade acadêmica e costuma garantir maior visibilidade, especialmente em periódicos de acesso aberto, favorecendo também o potencial de citação.

Os resultados confirmam a preferência pelo português em todos os gêneros analisados, em consonância com Baumvol et al. (2021) e Garcez (2019). CH apresenta participação ligeiramente maior de publicações em inglês e espanhol em comparação a LLA, tendência que se mantém também em Ammon (2012), ao indicar menor prevalência do inglês em CH em relação às ciências naturais e presença de outras línguas, como francês, alemão, russo e espanhol. O levantamento atual mostra que, além de português e inglês, outras línguas, como espanhol, francês, italiano e alemão, somam 5,8% das produções em LLA e 6,4% em CH, confirmando o que Finardi e França (2016) discutiram sobre a diversidade linguística. Esses percentuais refletem contextos disciplinares com diferentes graus de internacionalização e reforçam a semelhança entre as duas áreas na forma de divulgar pesquisas, concentrando-se principalmente em português, inglês e espanhol, o que sugere que LLA e CH ocupam um nicho acadêmico muito próximo no Brasil.

Nesse sentido, vale lembrar a expressão “publish or perish,” geralmente atribuída a Wilson (1942) e citada por Garfield (1996), amplamente empregada na literatura para descrever a pressão que os cientistas enfrentam para publicar rápida e continuamente seus trabalhos como forma de avançar em suas carreiras. Com a crescente adoção do inglês como língua global da ciência, inclusive mais recentemente nas áreas *softer*, essa expressão tem sido

adaptada para “publish in English or perish” (Di Bitetti & Ferreras, 2017). Entretanto, a análise dos dados revela uma quebra de expectativa de que o inglês seja predominante na disseminação do conhecimento nesses dois campos, diferentemente do que se observa em áreas como ciências exatas e da terra, ciências da saúde e engenharias, que de fato apresentam índices significativamente mais altos de produção em inglês (Baumvol, 2018; Baumvol et al., 2021). Uma conclusão semelhante foi encontrada por Hirano e Monteiro (neste volume), mesmo partindo de dados qualitativos de entrevistas, indicando que as práticas de publicação das áreas de humanas no Brasil desafiam, em certa medida, o papel hegemônico do inglês.

Conclusão

Algumas considerações podem ajudar a explicar o ecossistema linguístico (Couto, 2015) nessas áreas. Apesar do discurso prevalente sobre a predominância do inglês nas publicações acadêmicas, os resultados encontrados nos campos analisados (LLA e CH) apontam em outra direção.

Primeiramente, é relevante observar o contexto mais amplo da internacionalização do conhecimento no Brasil. Até recentemente, as universidades brasileiras mantinham foco principalmente em questões internas, como aponta Alperin (2013). Segundo o autor, embora o país tenha recursos para construir uma universidade de destaque global, falta um movimento claro nessa direção. O governo tem buscado melhorar a qualidade do ensino superior, mas essas iniciativas, ainda que essenciais para alcançar padrões internacionais, não expressam um compromisso explícito com a inserção ativa no cenário global de universidades de alto prestígio. Um exemplo é o uso do inglês como língua de instrução: prática cada vez mais comum em outros países, mas ainda bastante restrita no Brasil. Apenas cerca de 10% dos docentes declararam ter dado aula em inglês ao menos uma vez (Baumvol et al., 2024; Marengo, 2022), com oferta quase inexistente de disciplinas nessa língua (Gimenez et al., 2018), ainda mais rara em outras línguas adicionais.

Em segundo lugar, o contexto acadêmico e científico brasileiro nas áreas de conhecimento estudadas caracterizam-se por um “isolamento linguístico” (Garcez, 2019) da produção científica em relação ao âmbito global de disseminação do conhecimento. Nas palavras de Baumvol (2018), percebe-se um “processo autófono,” devido à característica de autoconsumo de disciplinas acadêmicas das CH no Brasil, nas quais os pesquisadores produzem conhecimento predominantemente para dentro de suas comunidades disciplinares locais. Para os pesquisadores das áreas de CH, a publicação em português pode também ser resultado do “tópico dos textos em sua própria comunidade

e da enorme dificuldade de atender aos padrões estilísticos dos textos de ciências humanas em um idioma estrangeiro” (Ammon, 2012, p. 340).

A baixa prioridade dada à internacionalização no sistema de ensino superior brasileiro também se reflete no grande número de revistas acadêmicas nacionais nas áreas “softer.” Para fins de comparação, a área de história, subárea de CH, conta com 361 periódicos classificados como A1. Uma análise dos 50 primeiros da lista (apresentados em ordem alfabética) mostra que 25 são brasileiros, em sua maioria vinculados a PPGs; entre os outros 25, 15 são publicados em língua espanhola e apresentam características semelhantes aos brasileiros: gestão feita por professores universitários, ausência de remuneração específica e baixa circulação internacional, refletindo em fator de impacto reduzido. Já na área de astronomia/física, altamente internacionalizada, são 659 periódicos classificados como A1, mas entre os 50 primeiros, apenas um é brasileiro.

Os dados deste estudo, somados ao alto número de periódicos classificados como A1 nas áreas analisadas, indicam que possivelmente não há uma exigência rigorosa de publicação em revistas de alto impacto para a concessão de bolsas PQ nessas duas áreas. Ao consultar o documento com os critérios definidos pelos Comitês de Assessoramento para avaliação das propostas na chamada pública de bolsas de produtividade (CNPq, 2023), percebe-se uma diferença relevante entre as áreas quanto à exigência de publicação em periódicos de ampla circulação, que são, com poucas exceções, pertencentes a grandes grupos editoriais internacionais, com gestão profissional e publicados em inglês. Por exemplo, para a área de Agronomia, considerada altamente internacionalizada segundo Baumvol et al. (2021), o documento informa que

A qualidade da produção científica será avaliada pelo fator de impacto das revistas científicas, indexadas no Journal Citation Report, JCR. O impacto/repercussão da produção científica e tecnológica do proponente também será considerado levando-se em conta índices bibliométricos (índice h), tendo como fonte de dados o ISI Web Knowledge. (CNPq, 2023, p. 30).

A passagem acima evidencia a posição da área ao destacar a exigência de publicação em periódicos com fator de impacto reconhecido por órgãos internacionais, implicando a busca por revistas de ampla circulação internacional. Nenhuma referência é feita ao ranking do Qualis CAPES.

Já para a área de LLA, a instrução é a seguinte:

Para periódicos, serão utilizados os seguintes critérios:

A classificação Qualis e/ou outros indexadores internacionais idôneos e como tais academicamente reconhecidos pela

área; o corpo editorial; a circulação (nacional e internacional); a avaliação por pares, sua relevância, visibilidade ou impacto na área/subárea em questão e, no caso de pesquisa interdisciplinar, nas áreas para as quais a pesquisa pode trazer uma contribuição. (CNPq, 2023, p. 228).

Apesar da menção à visibilidade e ao impacto do periódico, a indicação é bastante vaga e trata de maneira semelhante periódicos de circulação nacional e internacional, colocando a classificação Qualis em destaque. Se levarmos em consideração a quantidade de periódicos nacionais no estrato A1, a motivação extrínseca para publicar em periódicos internacionais pode ser considerada menos relevante. Ou seja, de certa forma, não há a exigência das áreas de CH e LLA de que para assegurar uma bolsa PQ seja necessário publicar internacionalmente. Somando-se a isso, sabe-se que publicar em revistas internacionais, principalmente em inglês apresenta desafios de ordem linguísticas, retóricas e estilísticas, como relatado em Monteiro e Hirano (2020), principalmente em um cenário em que há pouco financiamento para a contratação de *literacy brokers* para auxiliar na questão linguística. A falta de exigência para publicar internacionalmente somada às dificuldades reflete-se, sem dúvidas, na baixa circulação global das pesquisas das áreas de CH e LLA. Nas palavras de Garcez (2019):

Não há sequer razões fortes para empreender esforço necessário para produzir publicações de alta visibilidade internacional. De um ponto de vista estritamente racional e utilitário, isso simplesmente não vale a pena. Ao que parece, no mais das vezes, nos contentamos em discutir entre nós o que é publicado internacionalmente, para então escrevermos sobre questões que são relevantes para a nossa pauta insular.

Devido à ausência de uma pressão explícita para a internacionalização, nas áreas estudadas (LLA e CH), desenvolveu-se um sistema voltado principalmente para a publicação local. Por conseguinte, uma vez que conseguimos publicar localmente com relativa facilidade, muitas vezes não nos empenhamos em buscar uma disseminação mais ampla de nossas pesquisas. No entanto, é válido questionar se nós, pesquisadores das áreas de LLA e CH, não teríamos contribuições significativas a oferecer para nossas áreas em uma escala global. Será que estamos nos contentando em permanecer na periferia da produção acadêmica global, quando poderíamos nos engajar mais ativamente e almejar uma presença mais proeminente?

Este estudo apresenta algumas limitações, entre elas o fato de a análise estar centrada exclusivamente em grandes áreas de conhecimento, como

LLA e CH, sem detalhar disciplinas mais específicas, como psicolinguística ou antropologia, que podem ter ecologias próprias. Além disso, foram utilizados apenas dados quantitativos; uma abordagem multimétodos permitiria aprofundar a compreensão dessas dinâmicas. Reconhecendo essas limitações, sugerimos pesquisas futuras que investiguem cada subárea de forma mais minuciosa, para mapear seus ecossistemas linguísticos (Couto, 2015) e a cultura de pesquisa (Garcez, 2019) de modo mais abrangente. Isso possibilitaria identificar quais disciplinas utilizam com mais frequência línguas como inglês ou alemão, por exemplo. Ainda assim, este estudo contribui para evidenciar a complexidade e a diversidade linguística dessas áreas, indo além das línguas tradicionalmente esperadas, como português e inglês.

Agradecimento

Simone Sarmiento agradece ao CNPq pela concessão das bolsas PQ_{1D}, PDS e DES.

Referências

- Alperin, J. P. (2013). Brazil's exception to the world-class university movement. *Quality in Higher Education*, 19(2), 158-172.
- Ammon, U. (2006). Language planning for international scientific communication: An overview of questions and political solutions. *Current Issues in Language Planning*, 7(1), 1-30.
- Ammon, U. (2012). Linguistic inequality and its effects on participation in scientific discourse and on global knowledge accumulation – With a closer look at the problems of the second-rank language communities. *Applied Linguistics Review*, 3(2), 333-355. <https://doi.org/10.1515/applirev-2012-0016>
- Baumvol, L. K. (2018). *Language practices for knowledge production and dissemination: The case of Brazil*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Baumvol, L., Sarmiento, S., & da Luz Fontes, A. B. A. (2021). Scholarly publication of Brazilian researchers across disciplinary communities. *Journal of English for Research Publication Purposes*, 2(1), 5-29.
- Baumvol, L. K., Marengo, L., & Sarmiento, S. (2024). Driving forces to adopt EMI: Scholars' perceived benefits of English medium of instruction in Brazilian higher education. In S. Sarmiento, R. Rebecchi, & M. L. Matte (Eds.), *English for academic purposes: Reflections, description & pedagogy* (pp. 243-262). Editora Zouk.
- Cargill, M., & Burgess, S. (2008). Introduction to the special issue: English for research publication purposes. *Journal of English for Academic Purposes*, 7(2), 75-76.
- CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.) (2023). Anexo I: Critérios definidos pelos Comitês de Assessoramento para avaliação e classificação das propostas. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. <https://tinyurl.com/3xr7x88d>

- CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). (2024). Painel Lattes: Formação e Atuação. Recuperado em 22 de janeiro, 2026, de <http://bi.cnpq.br/painel/formacao-atuacao-lattes/>
- Corcoran, J. N. (2015). *English as the international language of science: A case study of Mexican scientists' academic writing for publication* [Doctoral dissertation, University of Toronto]. Tspace. <https://hdl.handle.net/1807/70842>
- Corcoran, J. N., Englander, K., & Muresan, L. (2019). *Pedagogies and policies for publishing research in English: Local initiatives supporting international scholars*. Routledge.
- Couto, H. H. (2015). Linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem (ECO-REBEL)*, 1(1), 47-81. <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967>
- Cross, D., Thomson, S., & Sinclair, A. (2017). *Research in Brazil: A report for CAPES by Clarivate Analytics*. <https://www.abcd.usp.br/wp-content/uploads/2018/01/Relat%C3%B3rio-Clarivate-Capes-InCites-Brasil-2018.pdf>
- Di Bitetti, M. S., & Ferreras, J. A. (2017). Publish (in English) or perish: The effect on citation rate of using languages other than English in scientific publications. *Ambio*, 46, 121-127.
- Finardi, K. R., & França, C. (2016). O inglês na internacionalização da produção científica brasileira: Evidências da subárea de linguagem e linguística. *Revista Interseções*, 9(19), 234-250.
- Flowerdew, J. (2013). English for research publication purposes. In B. Paltridge & S. Starfield (Eds.), *The handbook of English for specific purposes* (pp. 301-322). Wiley.
- Garcez, P. M. (2019). A (in)visibilidade da pesquisa em linguística aplicada brasileira: O que é publish or perish para os linguistas aplicados no Brasil? In P. T. C. Szundy, R. Tilio, & G. C. V. Melo (Eds.), *Inovações e desafios epistemológicos em linguística aplicada na América Latina* (pp. 41-62). Pontes Editores.
- Garfield, E. (1996). What is the primordial reference for the phrase “publish or perish”? *The Scientist*, 10(12).
- Hamel, R. E. (2007). The dominance of English in the international scientific periodical literature. *AILA Review*, 20, 53-71.
- Hanauer, D. I., & Englander, K. (2011). Quantifying the burden of writing research articles in a second language: Data from Mexican scientists. *Written Communication*, 28(4), 403-416.
- Hyland, K. (2015). *Teaching and researching writing* (3rd ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315717203>
- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. (2023). *Censo da Educação Superior 2022: Notas estatísticas*. Inep. <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior>
- Komesu, F., & Assis, J. A. (2022). Artigos científicos publicados em periódicos brasileiros e franceses de alto impacto na subárea de Linguística: O que números de citação (não) mostram. In R. M. Laranjeira, F. D. S. S. Miranda, & L. G. Paris (Eds.), *Letramentos acadêmicos no Brasil: diálogos e mediações em homenagem a Raquel Salek Fiad* (pp. 39-60). Pedro & João Editores.

- Kostka, I., & Olmstead-Wang, S. (2014). *Teaching English for academic purposes*. TESOL Press.
- López-Navarro, I., Moreno, A. I., Quintanilla, M. Á., & Rey-Rocha, J. (2015). Why do I publish research articles in English instead of my own language? Differences in Spanish researchers' motivations across scientific domains. *Scientometrics*, 103(3), 939-976.
- Monteiro, K., & Hirano, E. (2020). A periphery inside a semi-periphery: The uneven participation of Brazilian scholars in the international community. *English for specific purposes*, 58, 15-29.
- Montgomery, S. L. (2013). *Does science need a global language? English and the future of research*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Murakami, F. (2020). *Coleta produção USP*. <https://coletaprod.aguia.usp.br>
- Plataforma Lattes. (2024). Performmer lattes. *Sobre a plataforma lattes*. <https://lattes.cnpq.br/>
- Perez-Llantada, C., Plo, R., & Ferguson, G. R. (2011). "You don't say what you know, only what you can": The perceptions and practices of senior Spanish academics regarding research dissemination in English. *English for Specific Purposes*, 30(1), 18-30.
- Pigliucci, M. (2009). *Strong inference and the distinction between soft and hard Science (Part II)*. Science 2.0. https://www.science20.com/rationally_speaking/strong_inference_and_distinction_between_soft_and_hard_science_part_ii
- Storer, N. W. (1967). The hard sciences and the soft: Some sociological observations. *Bulletin of the Medical Library Association*, 55(1), 7584.
- Wilson, L. (1942). *The academic man: A study in the sociology of a profession*. Oxford University Press.